



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

## A GRAMÁTICA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Edna Ranielly do Nascimento – (UEPB)

[niellyfersou@hotmail.com](mailto:niellyfersou@hotmail.com)

Janaína da Costa Barbosa – (UEPB)

[janne3010@hotmail.com](mailto:janne3010@hotmail.com)

Jobson Soares da Silva – (UEPB)

[jobsonsoares@live.com](mailto:jobsonsoares@live.com)

### INTRODUÇÃO

O Brasil, apesar dos inúmeros avanços dos estudos linguísticos, ainda é alvo de concepções errôneas acerca do ensino de gramática. Faz-se necessário, portanto, discutir meios de aprimorar o ensino de LP através de novas concepções de gramática. A mencionar a *gramática interacionista*. Por isso, explorar-se-á teóricos que defendam tal modelo gramatical, e nos der subsídios para aplicá-las em sala de aula.

Assim sendo, abordar-se-á, Antunes (2007) que versa sobre uma gramática significativa e usual. Possenti (1996) que também faz uma abordagem acerca do ensino de uma gramática preocupada com os contextos usuais da língua, Travaglia (2007) que discursa sobre as três diferentes concepções de gramática, a citar *Gramática internalizada, gramática descritiva e gramática normativa* e Ricardo (2004) que oferece aos professores do ensino básico, meios de aprimorar a prática docente através dos estudos sociolinguísticos.

De acordo com esta informação, tem-se como objetivo discutir as diferentes percepções de gramática no ensino básico. De modo a sugerir novas práticas e a valorizar um ensino que se preocupe com a inserção do homem na sociedade.

### METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta o método dialético qualitativo, isto é, optou-se por fazer uma reflexão acerca do ensino de gramática. Tema muito discutido na disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba- campus III.

A metodologia utilizada divide-se em três fases. A primeira fase foi o momento em que se assimilaram os conhecimentos teóricos disponibilizados pela disciplina de



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro da Formação de Professores da Educação Básica

estágio. Na segunda fase, observaram-se as aulas de Língua Portuguesa em turmas do ensino fundamental-EJA em escolas situadas no município de GUARABIRA-PB. E por último (3ª fase) relacionou-se a teoria vista na disciplina de Estágio Supervisionado com as observações realizadas.

Através dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo de dois semestres da disciplina de estágio e das observações do estagiário nas escolas do ensino básico, optou-se por construir uma ponte que interligue o conhecimento teórico com o conhecimento prático. A sugerir assim, novos meios de ensinar gramática nas escolas brasileiras, e ao mesmo tempo discutir os possíveis modelos que já não contribuem com a construção da sociedade atual.

## DISCUSSÃO

Segundo Travaglia (2007 p.80 grifos do autor) existem diferentes concepções de gramática,

Gramática é o próprio **mecanismo da língua** presente nas mentes das pessoas e que lhes permite utilizar a língua tanto para dizer (falando ou escrevendo), quanto para compreender o que é dito (ouvindo ou lendo). É o que se chama de **gramática internalizada**.

Esta é primeira concepção abordada pelo autor, e reflete uma gramática que cada pessoa carrega dentro de si, desde os primeiros atos de aquisição da linguagem. Existe também outra concepção gramática,

[...] É o que se chama de **gramática descritiva**. Esta gramática resulta do trabalho dos linguistas ou estudiosos da língua que buscam dizer como é o mecanismo da língua de que falamos [...], ou seja, como a língua é constituída (quais são suas unidades, categorias, construções) e como ela funciona. (TRAVAGLIA, 2007 p.80).

Esta é uma gramática preocupada apenas com a descrição da língua, não com o seu contexto usual.

E por último temos a terceira concepção que é a gramática normativa. De acordo com Travaglia (2007 p.81) esta gramática é “constituída por regras que a sociedade estabeleceu para o uso da língua.”.

É nesta última concepção de gramática que ocorre os maiores equívocos relacionados ao ensino de LP em sala de aula, pois, “[...] As gramáticas nunca são



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

neutras, inocentes; nunca são apolíticas, portanto. Optar por uma delas é, sempre optar por determinada visão da língua” (ANTUNES, 2007 p.33).

Isto nos faz compreender que a gramática está relacionada com as ideologias de uma época e que, nem sempre tais ideologias devem permanecer ao longo dos anos. Se por um lado, apenas descrever ou normatizar a língua era algo coerente e suficiente em determinado período, por outro estas concepções já não condiz com a realidade e a ideologia do homem contemporâneo. Já não contribuem com a construção do homem crítico, capaz de atuar e interferir na sociedade em que vive.

Observe que Antunes (2007) nos alerta para a falsa concepção de que a gramática é a dona da verdade, e que não é, portanto passível a erros.

Optar por um ensino unicamente normativo, acarreta na escolha também de uma determinada ideologia. Pois, a gramática normativa determina como deve ser usada à língua, mas raramente, preocupar-se-á com as questões interativas entre os falantes. Por que estão a favor de um único grupo linguístico, excluindo assim os demais.

Presume-se, portanto que enquanto professores ou futuros docentes, devemos assumir uma gramática que realmente esteja engajada com as questões sociais da língua. Afinal Ricardo (2004) já nos adverte sobre a importância de valorizar o Português brasileiro, e para isso acrescenta que existem inúmeros fatores que devem ser levados em conta, ao ensinar-se português. Como os grupos etários, o gênero, o status socioeconômico, o grau de escolarização entre outros.

São esses fatores que contribuem para o cenário linguístico que compõe o Brasil atualmente. Cenário múltiplo e rico, presente nos diferentes modos de falar uma mesma língua.

Portanto, não nos propomos a condenar o ensino normativo, mas defendemos que o uso excessivo deste não é satisfatório. Já que, quando optamos por um ensino normativo, que determina como devemos falar, e não quando devemos usar a norma culta, em que contexto ela precisa ser utilizada. Contribuímos com um ensino fragmentado e sem uma função social definida. Visto que, “o problema central dos cursos de línguas-materna e estrangeira está longe de ser não ensinar gramática. É, antes, não ensinar apenas gramática; e, muito mais, é não ensinar apenas nomenclatura e classificação gramatical” (ANTUNES, 2007, p.51).



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF  
II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

Em suma, precisa-se de um ensino menos fragmentado e mais multidirecional. Pois, como afirma ANTUNES (2007 p.104 grifo nosso),

[...] A norma culta não deve ser endeusada, absolutizada, como um recurso suficiente ao sucesso de interação, nem tampouco ser rechaçada, como algo que se deve evitar para não parecer pernóstico, por exemplo. Deve, sim, ser usada, adequadamente, quando a situação o exigir. É uma **opção**; que está disponível.

A interação exige muito mais que o conhecimento de normas ou nomenclaturas. A mencionar a relação entre texto e leitor, a coesão e a coerência, o léxico, os múltiplos conhecimentos que devem ser acionados para atingir uma boa compreensão textual, entre outros.

## RESULTADOS

Nas escolas observadas, constatamos a tentativa de fugir da concepção normativa da língua. Utilizando sempre como ferramenta principal o texto. Contudo, ora ou outra se encontrava alguns desvios e foco demasiado nas nomenclaturas.

Apesar de alguns dados negativos encontrados em sala, constatamos também avanços. Afinal, em ambas as turmas foram valorizadas a idade e condição social dos alunos. Valorização esta, bastante defendida pela corrente sociolinguística.

As professoras preocupavam-se com a realidade dos alunos (alunos adultos, que trabalham o dia inteiro, de classe baixa etc.), optando por ensinar conteúdos propícios ao seu desenvolvimento. O excesso de nomenclatura deu-se mais na parte de classificação de palavras, contudo na parte de interpretação de texto, houve o estímulo ao desenvolvimento crítico do aluno. A interpretação não estava pautada em nomenclaturas ou normas, mas na capacidade de compreender e interligar múltiplos gêneros.

É preciso ressaltar que não temos como propósito condenar tais aulas, visto que, as professoras não atuaram de modo puramente conservador. O conservadorismo encontrado são vestígios de anos da concepção normativa em nossa sociedade.

Isto mostra, que não podemos exigir que os professores apliquem uma aula perfeita, se é que realmente isto é possível, mas que tentem acertar o máximo que puderem e que transformem sua prática diariamente.





# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

Diante dos estudos abarcados, sugerimos enquanto futuros professores de Língua portuguesa, um ensino pautado no texto.

Um espaço escolar onde as diferenças são respeitadas e não vistas como problemas, mas como enriquecimento linguístico.

Em síntese, sugerimos um ensino que desenvolva as competências linguísticas do aluno e que desenvolva a sua capacidade crítica de se inserir no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho abordado possibilitou compreender o quanto é importante discutir as diferentes concepções de gramática, em busca de uma que verdadeiramente esteja voltada para os contextos sociais e interativos dos seus falantes.

Ao mesmo tempo, em que permitiu perceber a existência de concepções que já não contribuem para as reais necessidades da língua.

O Estágio Supervisionado mostrou-se como importante fator para tal compreensão, pois nos deu subsídios para adentrar nas discussões teóricas acerca do tema. A possibilitar assim, a conclusão dos objetivos propostos de forma positiva. Visto que, além de discutir sobre três diferentes percepções de gramática, conseguimos ainda, sugerir uma gramática que não está a serviço de um único grupo social, mas que estar a favor do conhecimento que cada um carrega dentro de si. A valorizar assim, a idade, o sexo, o contexto socioeconômico etc.,

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

RICARDO, Stella Maris Bortoni. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A gramática na escola:** Língua portuguesa: o ensino de gramática. Salto para o Futuro, v. 1, nº 3, p. 80-103, abr. 2007.